

# REVISTA

NO

## PARTHENON LITTERARIO

QUARTO ANNO

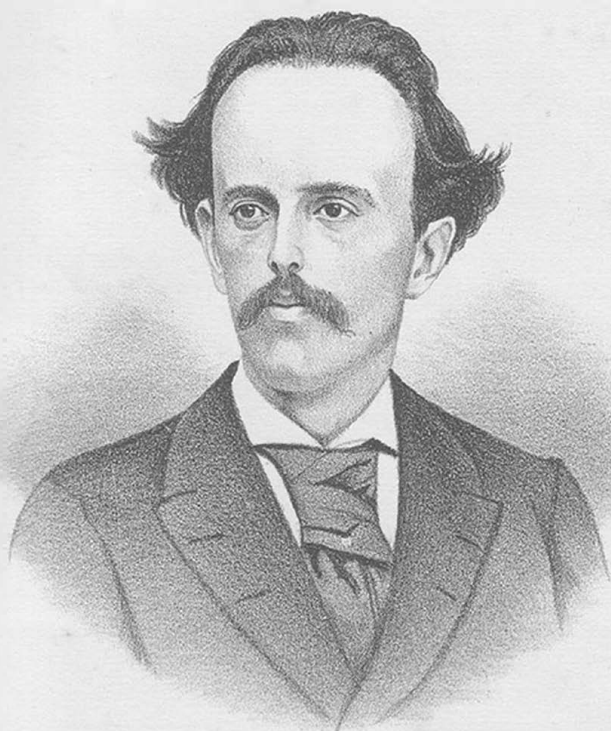
JANEIRO

I

### Summario,

Retrato do Dr. Domingos J. G. de Magalhães.	Recitativo a duo, (poesia) por Pedro A. de Miranda.
Discurso do Dr. L. A. L. de Oliveira Bello.	Gabila, (poema) por Iriema.
Phantasia, por Victor Valpirio.	Na floresta, (poesia) por Damasceno Vieira.





L. A. L. DE OLIVEIRA BELLO.

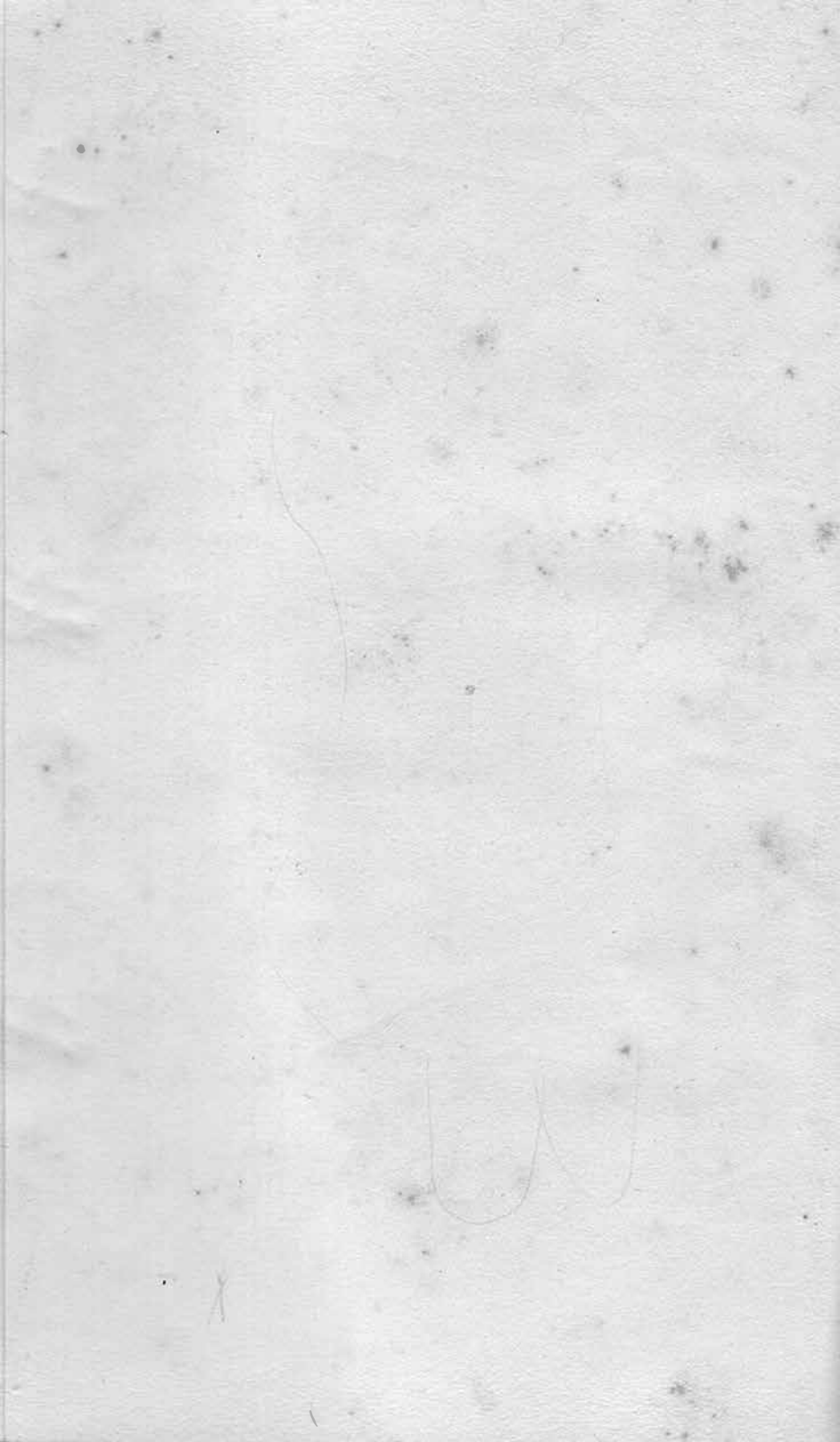
Lith. de J. Alves Leite.





D. J. G. DE MAGALHAENS.

Lith. de J. Alves Leire.



REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

QUARTO ANNO

JANEIRO

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1875

78 1/2 A

STATE OF NEW YORK  
IN SENATE

January 1, 1900

REPORT

OF THE

COMMISSIONERS OF THE LAND OFFICE

IN RESPONSE TO A RESOLUTION PASSED BY THE SENATE

ON APRIL 11, 1899

ALBANY: J. B. WOODWARD, STATE PRINTER, 1900.



## A INSTRUÇÃO E O SÉCULO

**Conferencia publica do Dr. Oliveira Bello proferida no  
sarao do Parthenon Litterario de 30 de Janeiro**

Minhas senhoras, meus senhores :

Não era licito recusar-me ao delicado e insistente convite do *Parthenon Litterario*, franqueando-me esta illustre tribuna erguida para incruentos sacrificios, offerecidos pelo fervor de modestos porém benemeritos fieis á intelligencia, que é a luz do mundo moral e ao ensino, que é a irradiação d'essa luz; não me era licito recusar o tibio esforço de minha palavra á luta gloriosa que esta associação leva empenhada com a ignorancia, que degrada a natureza humana e com a indifferença, que mata os tentamens do espirito como a sombra humida e mephitica anniquilla os brotos da terra. (*Muito bem, muito bem.*)

De visita a esta bella e heroica cidade, em cujo solo encontrei ainda quebrados, como se passára o pampeiro assolador, os esteios do lar de meus avós, extincto o fogo dos penates, as cinzas exparsas por sobre os tumulos porque jazem mortos os sacrificadores domesticos, attrahido a esta provincia pelo mais sagrado e doloroso dos deveres, escrever com a mão tremula um epitaphio na lapide de um sepulchro onde se atufou precoce o sol festivo de minha infancia, com o espirito em luto, com o coração atuado pelo tropel de sentimentos contradictorios, magoas que revivem, alegrias que despertão, chagas que se reabrem, esperanças que reverdecem, minha palavra está inhabil para florear em uma festa, temo que ella brote pallida, trepidante, frouxa e que nas galas do vosso sarao passe soturna como a sombra, destoe indiscreta como o echo de um soluço. . . (*Muito bem, muito bem.*)

No emtanto, eu não devia, não podia eximir-me á honra d'es-

a tribuna, que pela benevolencia dos meus consocios ha tanto tempo me espera; jámais me hei furtado ás lutas auspiciosas que a mocidade empenha com o calor de seus enthusiasmos, com a tenacidade de sua fé; tive sempre honra em fazer echo debil, porém sincero, ás idéas e sentimentos de minha geração, em cujo vigor, em cujo devotamento pela causa da justiça, em cujo patriotismo palpita o verbo dos futuros destinos do nosso paiz.

E' preciso que a mocidade não desmintá esta esperança, que para ella vòá nas azas tremulas das magoas da nossa patria, semelhante ao olhar do nauta em naufragio buscando a luz salvadora do fapal surgindo das vagas, como o perdão de Deos em socorro dos condemnados; é preciso que aparelhe as forças para os duros combates dos parlamentos e dos comicios; antes do heroismo dos Thermopilas, quer se peleje com armas, quer com o pensamento, estão os quarteis de Esparta onde se aprende a virtude da guerra que é o valor, estão as associações litterarias nas quaes se aprende a virtude da intelligencia que é a illustração. (*Muito bem, muito bem.*)

O *Parthenon* tem titulos a produzir perante a gratidão da provincia; elle teve a fé e a esperança, a ousadia e a persistencia; bem hajão os que não esmorecem no serviço de uma grande causa, ter confiança é ser forte, perseverar é vencer. (*Muito bem, muito bem.*)

Acolhido nas fileiras do *Parthenon*, tomando as insignias dos seus paladinos, acudo ao chamamento de suas vozes, ao aceno de seus desejos, ás ordens de seus pedidos; é honra concorrer com uma pedra para esse edificio, que se tem laboriosamente erguido á despeito das intemperies inclementes da quadra que nos corre, tão accessa de paixões violentas, tão agitada de contendias renhidas no meio das quaes as musas da poesia e os numens da litteratura velão as faces radiantes, como o azul do céu e o lume dos astros se offuscão quando o estrondo das tempestades atira pelo espaço.

Bem bajão os que, sobrepujando a torrente impetuosa dos tempos, erguerão na enseada remançosa da margem um altar á verdade, ao justo, ao direito e á esperança e junto d'elle esta tribuna, que pôde ser sonhadora, idealista porque é o arauto do pensamento da mocidade, mas que é neutra no seio das lutas politicas, sem prevenções partidarias, sem exclusivismo de seitas, pois a seita e o partido no qual todos nos confundimos e abraçamos é o amor sincero de nossa patria, e a politica que sobreleva á todas as politicas, como o céu das nossas idéas, das nossas crenças e dos nossos affectos é a aspiração viváz e o trabalho infatigavel pela prosperidade d'esta terra de Santa Cruz, que quer e deve ser amada com todo o vigor de sua natureza gi-

gantesca, com toda a pujança de seu viço americano, com todo o entusiasmo que infunde e escalda o fogo dos tropicos, o sopro ardente dos nossos horisontes. (*Calorosos applausos.*)

Este seculo synthetico e analytico por excellencia, minucioso em suas decomposições até o ultimo atomo, a mais diminuta vertebra, até o extremo corolario, largamente generalizador tambem no trabalho das formações scientificas; ousado em erigir hypotheses temerarias, como desafios á observação e aos debates; eclecticico em principio para fazer o inventario das idades passadas e escolher entre as ruinas as que podião servir ao monumento da civilisação moderna; tendendo para o radicalismo actualmente, porque se vai sentindo forte bastante para supportar nos largos hombros o peso da verdade sem transacções, sem mescla; o seculo XIX tem tido muita crença firme e muita negativa arrojada.

Começou descrendo das aristocracias artificias, apoiadas no protenso direito da força e consagrando em vez d'ellas os titulos do movimento provado e accito: derrocou as aras das falsas idolatrias, que deshonravão a intelligencia humana e erigio sobre ellas os padrões dos principios proclamados pela razão — leis organicas da humanidade: professou altamente a doutrina do progresso, desmentindo o mundo antigo, que acreditava com seus astrologos na immobilidade da terra, e deduzio d'ahi as consequencias: caminhar no tempo é afastar-se do passado, logo a tradição, com ser cingida pelo prestigio da velhice, tende comtudo a desaparecer para a sociedade, que caminha, a apagar-se no horisonte da historia.

O seculo XIX é de uma actividade inexhaurivel, o vapor que move accleradamente as maquinas de suas industrias, como que se infundio em sua alma, a electricidade que conduz sua palavra, como que anima seu espirito!

Não satisfeito em prescrutar os arcanos das sciencias conhecidas já pela antiguidade e decifrar os segredos diante dos quaes a Media Idade parava estatica, como se a mão de Deus lhe vedára ir avante, formou sciencias novas, dilatando os dominios da intelligencia pelas regiões sombrias do desconhecido, abatendo as mudas esphynxes das superstições.

Como seja uma idade de renovação, muito tem o seculo negado: o scepticismo foi erigido em direito do espirito, que quer decompor para reconstruir pelos modelos dos principios inconcusos; de tudo se tem duvidado porque tudo se tem debatido; assim como Aristoteles presidia do alto do throno luminoso da sciencia as labutações philosophicas dos seculos medios, Descartes e Bacon alumião como lampadas suspensas nas abobadas o infatigavel trabalho intellectual dos modernos tempos.

De tudo se tem duvidado: do espirito e da materia, do direito

e da autoridade, do Evangelho e da historia, de Deos e da razão. Não ha um principio radicado no consenso humano, que não haja sido agitado pela discussão, que semelhante ao sopro dos ventos extingue o lume ephemero dos cyrios, porém desnubla a faco radiante do sol, dissipa as superstições que são transitorias, mas revigora as verdades, que são eternas. (*Muito bem, muito bem*).

D'esse acrysolamento geral das crenças do espirito tem resultado convicções mais profundas, porque mais elucidadas, principios mais firmes, porque mais demonstrados, um crescimento de forças em todas as espheras da actividade humana pela diffusão progressiva das luzes, pelo alargamento maior e maior das intelligencias, animadas pelo sopro vital que a escola respira dia por dia mais rijo.

Entre essas convicções radicadas, na primeira ordem d'esses principios, que lograrão a victoria sobre a duvida, que se cimentão inabalaveis no conceito de todos os espiritos, constituindo uma aspiração soffrega de todos os povos está o ensino, a instrucção distribuida universalmente como o ar e a luz, a escola aberta a todos os ignorantes e semeada até nos mais obscuros recantos dos territorios sociaes, como por toda a parte na terra a mão da Providencia fez surgir do solo mananciaes crystalinos, que matão a sêde do corpo. (*Muito bem, muito bem*.)

De feito, o ensino é causa que ficou só no campo, victoriosa, sem adversarios; os obscurantistas, os sectarios anachronicos das trevas se conturbão e se envolvem aturdidos nas enchentes de luz do seculo, como essas aves lucifugas que cegão e se desvairão quando é dia no horizonte. (*Muito bem! Muito bem!*)

As velhas sociedades tinham mister da ignorancia, ellas se consolidavão sobre as superstições, que vegetão nas sombras da ignavia, como as algas no fundo do oceano; a autoridade era o despotismo e esse carece ter debaixo de si, como o centauro da fabula, um corcel subjugado, o povo imbecil e escravo... (*Muito bem! Muito bem!*)

Na India, na Persia, no Egypto, rudes crysalidas nas quaes se incubou a larva luminosa da civilisação occidental, o erro era a pedra angular das sociedades, o prejuizo a atmospheria dos povos; a hierarchia das castas, que cavava insuperaveis abysmos no seio da familia humana era uma escada do trevas a descer mais e mais fando no antro, na iguomiua; a luz, que se adorava nas formas caricatas e monstruosas dos idolos, não transpunha o portico dos templos, crepitava só nas aras secretas dos sacerdotes, que sujeitavam genuflexa e serva a multidão boçal, domada pela mais illegitima das forças, a violencia do terror e a mystificação da ignorancia. (*Muito bem, muito bem*.)

Penetrar no templo, folhear as paginas dos livros propheti-

cos, soletrar os hierogliphos das revelações, collar os labios sedentos nas bordas da taça da sciencia cabalistica e sorver uma gotta, era profanação, crime de lesa divindade, o alfange do verdugo devia tingir-se no sangue do preceito, porque attentar contra a ignorancia era insurgir-se contra a lei fundamental d'aquellas sociedades, o despotismo e a escravidão, filhos da imbecilidade, como os miasmas do lódo!

No oriente onde o sol innunda de brillantismo fascinador uma natureza gigantesca, reflectindo-se nos topos altanciros de arrojadas serranias, esfolhando-se pelas frondes copadas de immensas florestas e pelas aguas profundas de rios oceanicos; no oriente onde tudo se antolhava tão magestoso, tão grande que a alma humana buscando um Deos para adorar nos altares symbolizou nas fórmas de seus idolos o universo inteiro tudo que a cercava arrebatando-lhe o enthusiasmo e proclamou tolhida, deslumbrada que *Deus era tudo, que tudo era Deos*; no oriente toda essa grandeza contrastava com a pouquidade do ser racional, toda essa pompa cingia á emoldurar uma caricatura — o homem, á cuja frente só não chegarão os raios d'essa luz profusa, que por toda a parte se derrama em torrentes de vida e de esplendor! (*Muito bem, muito bem.*)

Mas, o oriente é o berço da civilisação, a infancia da humanidade: o progresso que transpando o Himalaya, abrindo as tendas guerreiras nas chapadas da Persia, brandindo a espada conquistadora nos desertos da Asia Central, chegára ao Libano e se lançára da Phenicia ás aguas do Mediterraneo, como tentando fugir á encrvação do clima oriental e quebrar o jugo do materialismo, aportou nas margens encantadas de uma terra desconhecida, que scintillava entre as vagas do mar como uma estrella na tella dos firmamentos.

Na Grecia, a estructura do solo artisticamente cinzelada, as condições da natureza physica, a indole das raças adventicias combinada com os instinctos dos aborigenes tudo concorreu, impulso humano e tendencia natural, para que o espirito abrisse o vôo que arrastára oppresso através da longa noite do oriente e se senhoreasse do espaço, que povoou mais tarde com as harmonias de seus hymnos, que illuminou com as luzes de seu genio. (*Muito bem, muito bem.*)

Na Grecia, porém, como em Roma a instrucção era o apanagio exclusivo de poucos, algumas fronte apenas sobresahião ao nivel do abatimento geral; no entanto, a admiração que arrebatavão as maravilhas da arte atheniense, o enthusiasmo que infundia os cantos sonoros dos poetas laureados nos jogos olympicos, as impressões que deixavam de si as palavras eloquentes dos oradores da praça publica, a emulação que accendia o triumpho es-

trepitoso dos vencedores nos certames do talento, tudo isso agitava vivamente os espiritos, que contemplavão quo immensa radiação de gloria desfere a intelligencia o como um poema de Homero ou de Virgilio, uma oração de Demosthenes ou de Cicero vale bem a espada de Themistocles ou de Sipião, os trophéos de Salamina ou de Zama. (*Applausos.*)

Salve! Grecia, ninho de flores embalado nas vagas harmoniosas do mar rutilante, como o céu que o reflecte; quem remontando pela corrente dos tempos até a antiguidade longiqua e curvando a fronte sobre essa pagina da historia, que explendesse reverberando as galas de tua magnificencia póde sopitar os estos de um entusiasmo caloroso e não saudar-te eterna ainda sobre um tumulo de tantos seculos, sempre de pé na memoria da posteridade, quando de teus marmores não resta senão a poeira que o vento revolve no tablado mudo e deserto de teus triumphos?! Foi ahi que o espirito humano quebrou as cadeias do materialismo que o suffocava, e como o Prometheu de tuas legendas arrebatou aos céos o fogo sagrado, esse astro — o pensamento, que irradia essa luz — a ideia; foi ahi que a intelligencia forjando um septro nas inspirações candentes do talento, compondo um diadema com as perolas que o genio fazia chover sobre teu seiô, escalou o throno da praça publica e como se não bastasse reinar na terra sobre os povos, subio tambem ao Olympo e ao lado dos deuses dobrou ante si a fê e as homenagens das multidões! (*Applausos prolongados.*)

A idade media é um chaos; o mundo romano desabou debaixo do diluvio dos barbaros, o throno dos Cezares foi despellaçado pelas espadas dos homens do norte; a noite cabio sobre a terra, depois do triumpho os conquistadores se assentarão em cima dos despojos fatigados de depredações, o aspecto das ruinas incutia-lhes um como confrangimento de remorsô, uma consternação estatica, foi então que o christianismo surgindo das solidões, nas quaes se refugiára imprimio os primeiros movimentos de vida social e de organização politica nas multidões heterogeneas dos vencedores.

O culto que a Grecia e após ella Roma votou ás lettras não tinha aras nas alcovas sombrias do castello roqueiro; a aristocracia media-se pelo tumulo dos antepassados ou pela lança que se enristava em combate; apenas nas sellas sileuciosas dos mosteiros, abrigados aos tropeis das lutas cruentas nos reconcavos dos vales ou nas quebradas das serras, a lampada de estudo crepitava junto aos velhos alfarrabios da litteratura pagã, como velando em nome da civilisação na guarda de um thesouro inestimavel, que a antiguidade ao morrer legára ás gerações futuras. (*Muito bem, muito bem.*)

Como o fogo ateadado no edificio, que devora primeiro lenta e silenciosamente as traves que o sustentão, apenas lançando á espaços um respiro de fumo que logo se desvanece, porém de subito rebenta em chammas, desata-se em labaredas e alumia o horizonte com os rubros reverberos de suas coleras; assim o espirito humano atravessou a Media Idade minando vagarosamente o castello feudal e os bastiões das hostes reaes, de longe em longe revelava-se fugitivo como o meteoro que mergulha nas sombras depois de um minuto de esplendor, mas, de repente abriu seu vôo arrojado na Renascença, e acordando a actividade intellectual que jazia prostrada debaixo da ignorancia suffocadora, ou enredada nas subtilzas escolasticas, foi pôsar como em um throno no alto da basilica de S. Pedro, essa maravilha da fé e da arte dos seculos modernos, como a aguia quirital na cupula do Capitolio, aquelle monumento do poder e do orgulho do mundo romano. (*Applausos.*)

A Renascença abre a era contemporanea; constituidas fortemente as sociedades depois da abolição custosa da Idade Media, organisados os povos em grandes e poderosas estruturas sociaes, era a vez da individualidade humana, até então escrava da lei historica que presidia as formações politicas, de procurar attingir com a expansão gradual de suas forças a attitude soberana, que a civilisação lhe assignalava em seus grandiosos prospectos.

O primeiro esforço foi sublime: uma legião de genios tomou lugar na liça ainda juncada com os destroços das armaduras feudaes e de novo como nos seculos de Pericles e de Augusto a poesia afinou seus cantos harmoniosos, a pintura colorio suas telas deslumbradoras, a escultura cinzelou suas estatuas, petrificações assombrosas do modelo humano, as sciencias espancarão as trevas das superstições, finalmente a intelligencia tomou o diadema rutilante da litteratura e coroando-se com elle disse ao mando fascinado — sou eu o conquistador do futuro. (*Muito bem, muito bem.*)

Os acontecimentos que agitarão a scena do XV e XVI seculos gerarão de si um homem que personificou um grande principio: a liberdade de consciencia encarnou se em Luthero e a fogueira heretica e rebelde de Wittemberg alumiou como uma aurora auspiciosa a sublime revolta do espirito humano, que sacudia os grilhões do dogmatismo servil, como Espartacus as cadeias do escravo nas montanhas heroicas da Campania.

Luthero traçou com a luz revolucionaria d'essa fogueira uma legenda na bandeira que desfraldou para o combate, uma legenda que é um axioma da civilisação hodierna, uma lei da vida intensa dos povos modernos, a aspiração de todas as almas, a tendencia de todas as forças sociaes, o ideal d'esse progresso, que

nos arrebatava vertiginosamente o pensamento e o corpo nos telegraphos e nas estradas de ferro — a instrucção universal, a escola para todos.

Reagindo contra aquelle ferrenho despotismo autoritario, que coagira Galileo a renegar da verdade astronomica, Abellardo da verdade philosophica, André Vesale da verdade anatomica, João Hus e Jeronymo de Pragna a confessar ainda entre as chamas do auto de fé a verdade evangelica, o frade insurgido comprehendeu que esse despotismo exercido sobre a consciencia se apoiava na ignorancia das multidões e que para abatel-o vencido era mister abrir os olhos da intelligencia aos povos e fazer pensar no espirito dos homens um raio da luz fecunda da sciencia. (*Muito bem, muito bem.*)

Comprehendendo assim, Luthero proclamou este principio, que foi formulado pela civilisação como artigo fundamental de seu programma — o estado deve a instrucção a todos os seus subditos; esse axioma foi o grito de uma revolução pacifica, porém radical, que sem fazer ruinas senão dos erros, incendios senão das tradições despoticas, das velhas cadeias da liberdade humana, sem fazer commoções senão para despertar os povos que dormem quando tudo se move e trabalha na larga vida dos tempos que correm, vai conduzindo a humanidade pela estrada de seus mais gloriosos e fecundos triumphos. (*Muito bem, muito bem.*)

Com effeito, a universalisação do ensino, a instrucção popular está no espirito dos seculos modernos, é uma das mais fortes tendencias de suas indoles varias, porém harmonicas dentro das leis geraes ás quaes obedece a civilisação contemporanea; se os antigos se agrupavam confiados, recolhidos, mudos de expectação em torno dos templos para ouvirem dos labios inspirados das pytonisas, sobre cujas tripodes chovia o fogo invisivel das revelações pagãs os oraculos dos futuros destinos, hoje é em volta da escola, d'esse tabernaculo grandioso da luz ineffavel, da luz sublime do espirito, que os povos se vão congregando, porque começam a comprehender que a palavra do professor traçando ideias na intelligencia ductil de uma geração infante escreve o decreto da grandeza ou decadencia da humanidade do porvir. (*Muito bem, muito bem.*)

Não me demorarei estudando a instrucção que ministravão em suas aulas os seculos XVI, XVII e XVIII, não devo dilatar demais as raias d'esta conferencia; no entanto é preciso notar que o privilegio, essa restricção estragadora e injuriosa do estímulo e do merecimento, formava a base da escola: privilegio nos discipulos que sahião das classes aristocraticas, privilegio nos mestres escolhidos exclusivamente nas fileiras do clero, das ordens monasticas, nas cellas sombrias onde os filhos de Loyola



aprendião os tortuosos e credos da *casuistica* nos livros de Mariana, de Molina e de Escobar. . .

A instrucção publica era a mystificação secreta (*muito bem, muito bem;*) a escola não procurava tanto illustrar o espirito como disciplinar a vontade. arrochando n'ella os élos de uma cadeia magnetica, que se fazia mendazmente partir de um braço da cruz do Calvario, porém que na realidade movia-se docil nas mãos do estado despotico ou da theocracia intolerante! (*Applausos prolongados.*)

No emtanto, senhores, d'essas mesmas escolas, máo grado os mestres e o rigor das disciplinas sahirão os philosophos, os poetas, os reformadores, do XVII e XVIII seculos, Descartes e Leibnitz, Rassine e Cornaille, Rousseau e Voltaire. Moliere e Montesquieu, a Encyclopedia que foi o horisonte da intelligencia no qual condensarão-se as coleras do direito e da liberdade para irem desabar n'essa tempestade tremenda cujos estrondos e cujas fulgurações solemnizarão o nascimento do seculo XIX. (*Muito bem, muito bem.*)

E' que a historia tem leis tão implacaveis como as que dirigem a ordem moral e a ordem physica; é que a logica dos acontecimentos, as deducções do progresso são irresistiveis, ora operação lenta e invisivelmente como o calor no mundo vegetal, ora subidas e estrepitosas como o vapor que arrasta, a electricidade que fulmina; é que as sociedades tinhão de approximar-se do ideal da civilisação, carecião de batedores que lhes aplainassem o caminho e elles surgirão, porque as grandes necessidades sociaes assim como os grandes principios se personificão na scena historica ao verbo poderoso do progresso, que é a gravitaçào da humanidade para a força infinita que a creou. (*Muito bem, muito bem.*)

Estude-se o espirito da civilisação, os intuitos que a estimulam, as aspirações que a animão, indague-se qual a attitude que deve assumir o homem do seculo, a individualidade legataria do trabalho e dos thesouros das gerações passadas e concluir-se-ha, que a instrucção é uma lei obrigatoria dos tempos, uma necessidade no grão de desenvolvimento a que tem attingido a personalidade humana, uma imposição da vida actual e que persistir ignorante no seculo das luzes é ser escravo e recusar a algema á mão salvadora que a quer partir! (*Muito bem, muito bem.*)

Este seculo tem entre os traços caracteristicos de sua originalidade uma pronunciada tendencia para o individualismo: as idades passadas trabalharão na constituição das sociedades, fundirão o homem ao estado para comporem solidamente o todo colectivo, essa obra foi consummada, o doloroso sacrificio da autonomia individual devia cessar e cessou; a civilisação moderna se empenha em aperfeioar a personalidade humana, em todas as suas rela-

ções, como o architecto que depois de erguer o edificio se applica pacientemente em esculpir os lavores nos marmores que o ornão, nas columnas que o sustentão (*Muito bem, muito bem.*)

Se a personalidade humana é o objecto proposto ao trabalho apurador do seculo, se o modelo offerecido ao cinzel da civilisação é o individuo forte pela cultura harmonica de suas faculdades, o homem completo pelo exercicio largo e consciente de seus attributos, a instrucção que desenvolve a intelligencia, que deduz as forças que a alma encerra latentes e as põe em jogo deve ser a preocupação mais attenta, a primeira solicitude, o objectivo primeiro da fecunda actividade dos povos.

• Outr'ora a ignorancia se coadunavã com as condições sociaes, podia existir sem acarretar perigo aos principios da civilisação; as sociedades se dividião em castas, umas que trabalhavão, outras que combatião, os parias, os ilotas, os escravos, os plebeus, os servos não tinhão mister da instrucção, nada valião politicamente, nada humanamente, os philosophos os comparavão ás alimarias que lavravão os campos jungidas ao mesmo trabalho, no nivel da mesma humilhação; os guerreiros, os aristocratas, os patricios, os nobres olhavão com desdem para as labutações litterarias, pois bastava-lhes a lança e a espada para defesa de seus direitos e a força para sancção do estado social em que vivião.

Hoje não se pôde comprehendera sociedade sem a instrucção; os governos constituídos apoião-se na escola como d'antes no templo ou no quartel; as liberdades consagradas nas leis se corrompem em uma atmosphera de ignorancia, como no ar inficcioso se decompõem os corpos organicos. (*Muito bem, muito bem.*)

Um governo democratico sem a instrucção do povo é como esse monstro de Nabucodonosor, fronte de ouro luminosa, esplendida, pés de barro, vacillantes, ephemeros; o direito não se pôde equilibrar no seio da ordem politica quando as sombras da ignorancia geral o desorientão, tem que cahir, lamentaveis quedas, estrondosas catastrophes, que tiverão na antiguidade um symbolo mytologico no desastre d'Icaro e nos tempos modernos exemplos dolorosos nas espantosas desgraças da heroica Hespanha e da gloriosa França. (*Muito bem, muito bem.*)

Se para a oppulenta vida das sociedades do seculo é chamado o concurso de todos os cidadãos, de todos os homens, se a soberania popular é a base das organisações politicas, a força mã das forças sociaes, a fonte dos poderes, é preciso que a multidão que governa tenha uma vontade esclarecida por um espirito instruído; nos governos democraticos a instrucção é um penhor da liberdade e da ordem, para elles, escolas espalhadas por toda a parte são como em um acampamento de exercito sentinellas postadas em face do inimigo, velão na segurança, acautelão e sorpre-

sas, previnem, garantem. (*Muito bem, muito bem*)

A solução do problema do ensino preoccupa o espirito de todos os povos. o zelo pela escola cresce dia por dia. faz-se propaganda, hasteia-se bandeira. — luz para todos—é o grito que rompe de toda a parte, vivo, clamoroso immenso como o brado das multidões famintas da velha Roma pedindo pão á piedade dos cesares. (*Muito bem, muito bem*)

A guerra contra a ignorancia é uma cruzada santa, tem seus heróes, tem suas phalanges, seus fanaticos, seus utopistas; muitas dedicações se hão votado ao ensino com aquelle ardor dos ascetas antigos pela causa do Calvario: os governos abrem mais e mais largas as portas de seus thesouros sobre as searas da intelligencia, porque comprehendem que povos instruidos são povos moralizados e que a ordem na luz dos espiritos vale bem mais do que a estagnação nas trevas da consciencia. (*Muito bem, muito bem.*)

Ninguem mais receia da diffusão do alphabeto, ninguem mais taxa de revoltosa uma escola que se abre para o ensino, uma tribuna que se levanta para a palavra didactica, e a quem ousasse ainda contrariar o direito e o dever de todos á instrucção o seculo responderia com Galileo: — no entanto ella se move! — é tão impossivel deter a terra que gyra no espaço como impedir que as luzes se propaguem pelo povo. (*Muito bem, muito bem.*)

Ont'ora a gloria dos governos consistia no numero de suas hostes, mais irradiava a nação que mais baionetas exhibia ao sol das batalhas; hoje a gloria mais pura, o merecimento excelsa reside e se prova nas estatisticas do ensino publico; o batuarte coraçado faz mais estroudo, a escola porem tem mais brilho; a Suissa inerme é mais fraca do que a Russia militarizada, mas a Suissa instruida tem mais nobreza do que a Russia analphabeta; o canhão divide e ensanguenta, o livro congrega e fecunda, si a fraternidade é o ideal dos povos as nações que aprendem tem mais grandeza do que os governos que se armão. (*Applausos.*)

A emulação pela melhoria do ensino publico traz activo e infatigavel o espirito das nacionalidades, tudo quanto concerne a esse objecto supremo se vai estudando o profundando, o mestre, a escola, o livro, o methodo, o discipulo tudo se agita vivamente na teia das discussões a que a humanidade assiste attenta, porque a causa da instrucção é a causa mesma do seu futuro.

Ha, senhores, na sociedade, perdida na teia emaranhada das relações civis, obscura nas sombras da grandezas aristocraticas e ostentosas, confundida com a multidão anonyma que trabalha duclando poleja de vida ou de morte com a fome, uma individualidade para a qual nem sempre o conceito publico tem as home-

nagens que dispensa ao merito, que passa ignorada de quasi todos pela praça publica e que não poucas vezes encontra, regressando ao lar da familia o torvo vampiro da miseria esvoaçando alvoroçado depois de extinguir com um sopro a alegria da felicidade domestica; no entanto essa individualidade obscura, ignorada, esse lutador do trabalho, esse vencido muitas vezes da miseria é o sacerdote do mais grandioso, apostolado, do seculo, do scio d'essa obscuridade derrama luz, perdido no regaço das multilões semeia idéas em torno de si, sem pão para a fome de seus fillos distribue o ensino pela ignorancia de seus discipulos! (*Applausos prolongados.*)

Fallo do professor, da pedra angular da escola, d'aquelle que profere a palavra prophetica das gerações, pois o que a criança aprende o homem ordinariamente realisa, a semente contem a arvore como a causa encerra o effeito. (*Muito bem, muito bem.*)

Ha dedicações que vivem e paixão fóra dos grandes tablados sociais, no isolamento, nas sombras, que valem tanto como os ruidosos holocaustos que o patriotismo immola nos campos de batalha entre o estrepito dos hymnos e os echos da fama; a gloria consola a dôr, o enthusiasmo que as ovações promovem embalão o heróe que morre immortal!

A heroicidade porem que se condemna ás trevas, ao esquecimento, que brilha longe do olhar das multidões, como essas luzes intensas que os mineiros clausúram no recinto estreito das galerias profundas, porém, a dedicação conformada com o olvido e despreso dos proprios que fruem directa ou indirectamente das vantagens do sacrificio, se não faz tanto estrondo, tem de certo, mais realce, quanto mais se esconde ás vistas dos homens mais se eleva ás bençãos da consciencia. (*Applausos.*)

E' essa a condição do professor primario, do que occupa o primeiro e mais modesto lugar na hierarchia do magisterio, o mestre d'escola, o pai adoptivo da intelligencia da infancia, o que abrindo a porta do templo das luzes se deixa ficar nas sombras que ella projecta!

Quando o avistardes, senhores, atravessando a praça publica, maltrapilho talvez, talvez pallido e taciturno porque pelo umbral da casa de seus fillos vio passar a desgraça, quando o avistardes camiilhando apressado para a modesta officina de seus labores onde vai lapidar os espiritos de fillos d'estranhos, porventura modelar as almas dos vossos fillos, não lhe volteis a face descobri-vos reverentes, que si o bravo da patria que derrama o sangue para vingar a honra de seu paiz é um heróe, merece hymnos, o mestre d'escola que debella a ignorancia para nobilitar as gerações futuras não é um vilão, merece o respeito. (*Applausos prolongados.*)

O professor é com effeito a pedra angular da escola ; dae um magisterio instruido e moralisado e a causa do ensino prosperará victoriosa ; não basta semear, é mister ser attento agricultor para que as sementes não avelem e as searas não se pereão ; o mestre é a escola, a escola é o futuro. (*Muito bem, muito bem*)

Na aspiração de diffundir o alphabeto por todas as camadas sociaes tem-se discutido o meio de encaminhar ao ensino todos os ignorantes ; tal é a força con: que adheriu á consciencia humana a convicção de que a escola é não só um dever como um direito de todos e de cada um. que o espirito liberal dos tempos não hesitou em legitimar a violencia coactiva ao serviço da instrucção popular. não trepidou em inserever no decalogo das obrigações a obrigatoriedade do ensino:

Não entra de certo nos intuitos da civilisação contemporanea destruir a autoridade do pai de familia, invadir os dominios inviolaveis do lar domestico e impôr a regra inflexivel da lei civil onde quer a natureza, quer o instincto de todas as almas, quer a voz eloquente da consanguinidade que falle e governe a razão e o amor do patrio poder e da materna solicitude ; o affecto espontaneo que reano os corações n'essa sociedade ineffavel da familia é tão poderoso como a attração molecular que congrega os atomos para formar os corpos, essa attração rompe-se, mas despedaçando-se o corpo, aquelle affecto violenta-se, mas lacerando-se os corações. (*Muito bem, muito bem*)

Tal é no entanto o afan de propagar a instrucção, tão legitima e obrigatoria se ostenta a escola, que os povos mais ciosos de suas liberdades não escrupularão, quando o pai de familia persiste em manter seus filhos na ignorancia, em coagil-o a e envial-os ao mestre ; violencia benefica, salvadora coacção ! conduzir um ignorante á escola é ensinar-lhe o caminho da dignidade moral e do futuro ; o seculo diz, parodiando a Igreja — não ha salvamento fóra da instrucção.

Ao systema coactivo se pretende substituir um outro, o da persuasão : não se impõe, seduz-se, não se arrasta, convida-se ; transforma-se a escola em um centro attractivo, arregimenta-se os corações das crianças sob a bandeira da causa do ensino.

O segredo d'esse systema consiste em tornar a escola sympathica ás crianças fazendo-a carinhosa como a casa materna ; em vez da disciplina pelo rigor que amedronta e afasta, a ordem pela amizade que graugea e retém ; em vez da aula taciturna, monotona, rispi-da como a alcova de um mosteiro na qual o espirito jovial da infancia se estiolava nas sombras humidas de uma estufa, em vez do senho carregado e minaz do pedagogo, que se afigurava um verdugo ás imaginações timoratas dos discipulos, um lar ameno, risinho, encantador, com a alegria a ressumbrar de toda a parte

uma palavra amiga, complacente infundindo as iniciações do ensino com esse zelo paciente e bondoso com que a ternura da mãe de familia insinua na intelligencia dos filhos os primeiros conselhos da moral e as balbuciantes invocações do Deus da infancia. (*Muito bem, muito bem*)

Éra mister porem, descobrir quem occuparia esse posto delicado do magisterio, quem teria em si encanto e força para transformar a escola em lar domestico e a instrucção primaria em carinhosa educação das intelligencias infantis; não foi difficil resolver o problema, confiou-se a infancia ao coração feminino, a mulher assumio o berço do ensino, fez-se a mãe de familia da escola. (*Muito bem, muito bem*)

Os resultados foram prodigiosos: as crianças seduzidas pela natural ternura, pela instinctiva attração que caracteriza o bello sexo, sentindo uma como afinidade entre as tendencias do coração feminino e os proprios instinctos, revendo na professora que as instrua suas mães que as educavão affuirão espontaneas á escola, e suas intelligencias cultivadas pelo afago e solicitude das mestras desabrochavão rapidãs como as flores do nosso paiz aquecidas pelos raios do sol dos tropicos. (*Muito bem, muito bem*)

A influencia da mulher na vida, senhores, sua collaboraçaõ nos actos do homem e nos acontecimentos historicos é proeminente, immensa, por vezes ostensiva e ruidosa, communmente indirecta e occulta; é pelo coração que ella impera, é na sensibilidade que ella vibra; o grande, o decisivo influxo porém actua sobre a infancia, na alma da criança, que palpita unisona a d'ella como essas harpas de que falla o poeta latino, que suspensas de duas columnas soavão sempre identicas as mesmas harmonias, os mesmos rhythmo. (*Muito bem, muito bem*)

A criança pertence á mulher, é um direito que a natureza sanciona e que a sociedade não deve preterir, e quem possui a criança tem o homem, a mão que emballou o berço continua a dirigir a vontade, implantando os germens das xirtudes ou dos vicios na alma de seus filhos, as mães são artistas dos destinos d'elles, as degeneraçõs são raras, a regra é que o homem é o fructo da infancia e a infancia a semente da educação materna ou madrastra, sã ou traiceira.

Esse direito da mulher sobre a criança deve de ser reconhecido no ensino publico, o professorado primario lhe incumbe por preceito natural; infelizmente porém, si ella tem um coração para amar o infante, é ainda quasi analphabeta para não poder ensinar o discipulo.

Não se póde trabalhar melhor em prol da causa da instrucção do que instruindo a mulher; o primeiro mestre é a mãe de familia, o segundo deve ser a professora da escola da infancia; para

que ellas transmittão luz é mister que a tenham propria, e si tão real e profunda é a influencia que exercem sobre o homem, si tão supremo impulso imprimem aos acontecimentos, si tanto collaborão na vida social, que não é mais do que a summa da modesta existencia dos lares domesticos, cumpre que essa influencia, que esse impulso e essa collaboraçãõ não sejão da ignorancia que cega e transvia, porem do espirito illustrado que illumina e orienta.

A mulher tem concorrido altamente para que as civilisações se desenvolvão na integridade de seus prospectos: para a civilisação grega de livre e larga expansãõ das faculdades, de enthusiasmos artisticos, de arroubamentos ousados, heroica e voluvel, sensualista e idealista, concorreu com as graças de suas *hetaires*, com os modelos vivos de suas formosuras, com o espirito scintillante das filhas de Lesbos e de Corintho; para a civilisação romana rispida e formalista, amante da liberdade e da aristocracia, dô direito e da força, da virtude e do vicio, trabalhou com a severidade dos costumes e rudesza do patriotismo republicano, com o exemplo do valor nos campos de batalha e nos comicios populares, com o orgulho patricio e a bachanal cesareana; para a civilisação da Idade Media, enfeixamento de mil tendencias, chaos sombrio e ruidoso de elementos sociaes, politicos, moraes, bellicosos e mystica, profana e monastica, democratica e despotica, livre e escrava, contradictória como a luta porfiada de principios antagonicos em effervescencia para a formaçãõ dos seculos modernos, concorreu com a variedade indescriptivel dos typos em que se exhibiu, com o ardor e o applauso pelas pugnas da cavalaria, com o antojo das glorias marciaes, com os heroismos do isolamento, da renuncia ás mundanas alegrias, com os caprichos do coração, com os devotamentos pela liberdade da consciencia e autonomia dos municipios; assim, para que se realise o programma da civilisação moderna é preciso que levante-mos a mulher até a escola da instrucção para que ella alce seu filho até o ideal do seculo das luzes. (*Applausos prolongados.*)

Orne-se-lhe o espirito, não com o falso brilho de banalidades litterarias, de futcis ouuropeis que não prestão senão á entumecer vaidades; comprehenda-se que a grande, a sublime missãõ do bello sexo não é raptar os corações, nem deslumbrar os olhares nas festas luxuosas de uma noite de baile; elle pôde e deve irradiar o prestigio da graça e da formosura em torno de si, deve e pôde brilhar no seio da humanidade como a *nebulosa* no azul d'esse céu magico debaixo do qual respirão e se alão as almas harmoniosas dos poetas, seus sorrisos, seus encantos, seus affectos, são as maiores

alegrias, as mais peregrinas bellezas, os mais ardentes sentimentos da terra; porem o excelso sacerdocio que lhe incumbem desempenhar, o commettimento que mais o exalta, que o eleva coroado com a benção dos homens ao throno da creação, é o influxo decisivo que exerce nos corações de seus filhos, na alma das gerações futuras, pois, a mãe de familia que educa uma criança é como um artista que esculpe uma estatua, é quasi como um Deus que profere ao chaos o verbo creador de um mundo. (*Applausos*)

Para a victoria completa da causa do ensino popular muito se espera e muito se exige do concurso feminino; que a mulher faça propaganda da instrucção no circulo da familia onde domina pela força da sensibilidade, pela magia do amor, que eleve o magisterio primario á altura de uma como maternidade intellectual, que solte emfim o brado da cruzada do seculo, que assim como o mundo christão se precipitou ao aceno das pias castellãs e das ousadas romeiras em demanda das reliquias do Calvario, o mundo civilisado se arrojara em busca da escola da qual hade raiar, inundando toda a terra, uma luz mais viva e mais fecunda do que a do sol, a instrucção universal. (*Muito bem, muito bem*)

Para a realisação d'esse ideal, cujos reflexos alumia e alenta a humanidade, como na legenda biblica a nuvem de fogo esclarecia o caminho soturno do deserto, todos, absolutamente todos devemos trabalhar, combater; si a religião manda dar a esmola ao miseravel, o seculo manda dar a instrucção ao analphabeto; si a consciencia amaldiçoa o que recusa a migalha de pão á fome do necessitado, a intelligencia maldiz o que nega um raio de suas luzes ás trevas do ignorante. (*Muito bem, muito bem*)

O egoismo, essa paixão mesquinamente contradictoria com a natureza humana, infensa ao instincto da sociabilidade, compressora das expansões espontaneas da vida individual no seio da humanidade, deshonra a alma, avilta o coração; toda a força tende a expandir-se, é uma profanação reter inerte e compressa a intelligencia, que é a suprema força do universo. (*Muito bem, muito bem.*)

Trabalhar para a instrucção do povo é concorrer para a melhora da propria sorte, é consolidar as bases em que assenta o estado social, o lar da familia e o direito da individualidade; a historia contemporanea demonstra que a prosperidade dos povos caminha de par com os progressos do ensino, que a escola é um foco de vida e de força para as nações, que mesmo no campo de batalha a victoria abençoa e cobre de louros as baionetas instrui-



das e volta á face gloriosa ás espadas heroicas porém analphabetas.

E' da iniciativa popular, do esforço individual, da associação de todos, do obulo de cada um, que nossa patria espera o derramamento do ensino por essas camadas de ignorancia, que abafão a florescencia do talento brasileiro tão profuso nas fronte dos filhos dos tropicos, como o humus nas entranhas do solo brasileiro. (*Muito bem, muito bem.*)

Senhores, este seculo se póde qualificar o forte entre todos, o Alcide, elle atrelou ao carro de seus combates e de seus triumphos o vapor e a electricidade; porem, mais pujante do que esses agentes herculeos da industria, do que esses gigantescos escravos dos povos ha uma força ao serviço das sociedades, é a iniciativa popular apoiando a incomparavel alavanca das associações; a antiguidade já conhecia esse elemento de poder, manifestava-se n'ella na associação das espadas enfeixadas pela disciplina, o exercito era a força suprema; porem, assim como do raio que fulmina nas tempestades o progresso extrahi o segredo do telegrapho e d'essa fera bravia que assolava impunemente o espaço fez o docil estafeta do pensamento humano, assim tambem da congregação violenta das armas, da disciplina robusta e estragadora das phalanges a civilização contemporanea extrahi as formas diversas da associação, que mais vence, mais fecunda e ganha nas lides incruentas do trabalho do que as hostes nos recontros sanguinarios das batalhas. (*Applausos*)

Essa força tem sido explorada largamente, dia por dia revela os arcanos da sua intensidade; no commercio, na industria, na politica, nas lettras, em todas as espheras em que se exercita a actividade humana vai alcançando as victorias, que o vapor tem attingido nas officinas do trabalho.

Para a instrucção popular tem concorrido com toda a energia de seu esforço colectivo; as grandes reformas, os melhoramentos decisivos, quehão renovado a face das sociedades partem da iniciativa do povo, do trabalho associado dos cidadãos; os governos tem a força do poder, mas, carecem ordinariamente da intuição sincera das momentosas necessidades dos tempos, o egoismo do proprio interesse os tolbe, o instincto da propria conservação os aturde, aptos para a manutenção da ordem, tem medo das evoluções do progresso, a estabilidade lhes apraz, porque parece o equilibrio, o movimento os assusta porque se lhes affigura a agitação.

O povo que tudo espera, que tudo attribue e pede á intervenção constante da autoridade, que se deixa cegamente conduzir pelo braço do governo como o navio a mercê das correntes mari-

nhas, o povo que não vê, não falla, não pensa, não se move senão pelos olhos, pela palavra, pela cabeça e pela acção do poder é um povo paralytico, sua existenciae vegeta indifferente e atrophiada na apathia idiota da mais ignobil das escravidões, o avassalamento da vontade; a liberdade e o progresso fogem d'elle, porque a liberdade é a flor gloriosa da energia da vida política e o progresso é o alargamento d'essa vida pelo laborioso esforço da actividade social. (*Repetidos apoiados; muito bem*)

Não esperemos nós tudo da interferencia do poder: este paiz joven, que sente a onda do sangue americano bater-lhe nas largas veias e as aspirações vivazes da mocidade incender-lhe o espirito, este psiz, que vislumbra no horisonte de seu futuro com o olhar lucido de uma esperança inextinguivel dias de grandeza immorttal, não deve e não pôde deixar pender essa fronte que uma fé ardente escalda e levanta, inertes esses braços que o viço da juvenrude alenta e agita e recostar-se dormente ao seio do governo, como o arabe á creuça enervadora da fatalidade.

Si quizermos ser sinceramente livres, realmente prosperos, eficazmente grandes, si amamos nossa terra, si anhelamos para ella, para as gerações que nos succederãõ n'esse scenario da America um porvir glorioso como a natureza physica de nossa patria, esplendido como o céo que lhe serve de cupula, fecundo e firme como o solo que lhe serve de arena, contemos connosco, com a força latente que o isolamento tem estragado, mas que a união aproveitará, arregimentemo-nos ao serviço das grandes causas, associemo-nos para o successo dos nobres fins, abracemo-nos em nome dos santos principios. (*Muito bem, muito bem.*)

E, senhores, si ha uma causa verdadeiramente grande, fim digno de nossa dedicação, principio credor do nosso enthusiasmo é a diffusão do ensino pela ignorancia do povo, a abertura de escolas, de bibliothecas, de prelecções por todos os recantos ainda os mais obscuros da sociedade; si ha objecto nobre para a associação das forças de todós é esse, é o da guerra de mortê, guerra sem treguas á ignorancia, que pesa sobre o peito do nosso paiz, como essa montanha da legenda sobre o gigante abatido. (*Muito bem, muito bem*)

Concorramos todos, cada um na medida de suas forças para essa cruzada, cujo brado é a patria mesma que o proferê; que o governo cumpra seu dever, cumpramos o nosso, ao lado das escolas que elle decretar creemos outras, em concurrencia com os dinheiros que elle vota formemos um peculio do povo para os filhos do povo; todos juntos, fortes pela associação lutemos contra esse rochedo que obstrue o caminho triumphal de nosso paiz, que as

gerações vindouras felizes por nossos esforços, grandes por nosso devotamento hão de cobrir de bençãos os tumulos de seus pais, cujas memorias a gratidão perpetuará na posteridade. (*Applausos prolongados.*)

Senhores, devo concluir; a benevolencia do vosso acolhimento, os estímulos inestimaveis dos vossos applausos demaziado me lisongeião; o grande character rio-grandense traduzio se em torno d'esta tribuna; a memoria do sarão do *Parthenon* hei de conservar indelevel em meu coração, que ama estremecidamente esta provincia com todos os enthusiasmos do patriotismo e com todos os affectos da alma. (*Muito bem, muito bem.*)

Grande provincia, immortal povo! Gloria excelsa do meu paiz, estrella peregrina d'essa constellação do Cruzeiro, que brillia no céu americano com fulgor tão intenso como brillará um dia nossa patria querida no seio da humanidade e nas paginas da historia! (*Applausos.*)

Grande provincia, immortal povo! Ninho sublime d'essa aguia magestosa da gloria, o heroismo militar; sentinella denodada dos terminos do sul, com o peito em frente ao inimigo da patria, como esses rochedos que se erguem á beira-mar, quebrando as furias das ondas nas arestas de seus granitos, muitas vezes flagellados pelas tempestades, porém sempre resurgindo firmes, de pé, imperterritos debaixo das vagas despedaçadas, das procellas vencidas! (*Applausos prolongados.*)

Grande provincia! quando a historia quer escrever uma pagina de triumpho, um poema de heroicidade nas plagas sul-americanas molha o estilete na lympha de teu sangue e conta a bravura de teus filhos, cujos ossos branqueião os campos de todas as batalhas, cujos nomes resplendem, como estrellas da immortalidade, em todos os trophéos da patria. (*Applausos prolongados.*)

Grande provincia, immortal povo! urbanidade attica, character espartano, sincera como a consciencia energica da verdade, franca e arrojada como o vôo irresistivel do pampeiro pelos plainos interminaveis de suas campinas, leal como seus campos sem brechas, suas coxilhas sem despenhadeiros, suas serras sem emboscadas, livre como suas brisas, hospitaleira como seu clima, carinhosa como seu céu, forte como seu valor, bemdicta como seu patriotismo! (*Applausos prolongados.*)

Salve, Esparta do meu paiz, escudo vivo da honra de minha patria! berço de tantos heróes, tumulto de tantos bravos! bem fadada mãe de tantos filhos illustres, generosa martyr de tanta dedicação sublime! por teu passado e por teu futuro, por

teus triumphos e por tuas resignações, por tuas glorias e por teus martyrios, por tudo quanto és no coração da patria e nos hymnos da historia, por tudo ainda quanto mereces de intensidade no affecto de tua prole, salve! com lagrimas por tuas dôres, com alegrias por tuas esperanças, com orgulho por tuas grandezas, com fé por teu porvir terás sempre, echo da alma, um grito de saudação nos labios dos brazileiros e uma benção no amor ardente de teus filhos!

*(Repetidos bravos. Muito bem, muito bem. O orador descendo da tribuna é sandado por estrepitosas e prolongadas salvas de palmas e entusiasticamente cumprimentado.)*

# PIANTASIA

---

## A FILHA DO CAPATAZ

A' tarde Arthur avistou Lulucha na janella com fingida distracção, ella embebia um olhar ardente no infinito azul do firmamento, emquanto uma mão pequenina e alva brincava com uma madeixa loura, que como uma flor, flor da belleza, se embalançava sobre a fronte, com uma graça inexprimivel...

Ai, formoso caracol, ondinha loura do mais sedoso cacho!...

Arthur notou a fixidez d'aquelle olhar no céu. Em que scismaria aquelle mimosinho de carne, ao sol posto, olhando a immensidade?

Em que enlevo aquella imaginação borboleta, fascinada estaria em tal momento tão embebida?

Horas esquecidas passava a menina recostada á janellinha. Todos os dias a mesma scisma, todos os dias no mesmo enlevo se repousava...

Arthur começou a olhar com interesse aquelle vultosinho, que apparecia n'aquella isolada casa. A curiosidade lhe aguçava o espirito e d'ella talvez, contra a vontade, originou-se lhe irresistivel attracção para Lulucha.

E como não, se era Lulucha o mais angelics diabrete, que olhos humanos contemplarão?!...

\* \*  
\*

E tardes apôs tardes se seguirão, em que Arthur intimamen-

te alvoroçado á ligeira, á mais ligeira apparição de Lulucha, do fundo do galpão da salga a bombeava; em que Lulucha presentindo a presença de Arthur, no vago sentimento de vingança, com disfarce e fingimento contemplava os céos em sua immovel posição.

Quando elle apparecia, por mais ruidosos que soassem-lhe os passos, ella não voltava o rosto, e quedava se alheia ao mundo de arredor.

Quanto mais teimava Arthur em se fazer notar, menos dar com elle fugia ella.

Aproveitando-se da sua teimosa distracção, Arthur contemplava e a examinava a gosto: em resultado julgou a um ente adórvavel digna de fazer os gostos do mais exigente epicurista.

Por terra baquearão os protestos de não mais olhar para a mulher com outros olhos que não os da indifferença; contemplou Lulucha com os olhos de insaciavel cobiça.

Sobre elle, tinham começado a exercer buliçosa influencia os suavissimos contornos da gentil pèquena; aquella linda e elegante pubescencia coroadada pelo mais brejeiro rosto, era capaz de entontecer e desvairar um santo, quanto mais um pobre peccador!

Por mais fronteiro que Arthur se collocasse, e dèsse intencional fixidez ao olhar que lhe cravava, brilhante de todos os seus secretos desejos, não se dignava a menina olhar para elle: no seu ponto azul do céu se submergia, concedendo-lhe apenas a mais calma indifferença.

Arthur irritava-se, mas o que fazer?

Persistia nos seus propositos. Era a menina apparecer e elle da frente não arredar pé.

Depois de demorada persistencia, estava quasi desanimado, quando surprehendeo sobre elle de soslaio um olhar dos que sabia lançar Lulucha. . . .

Foi o philtro da coragem que corréo-lhe nas veias.

Lulucha já mal se podia conter no proposito formado; por um trim quebrava meio a meio o seu projecto.

Uma vez vendo a romantica posição e ar de tristeza que assumira Arthur, sorriu: esse sorriso elle o recebeo como uma promessa de esperança,

A' tarde quando o moço a fitava com expressão de arrebatado amor sorriu de novo: sem limite foi a esperança de Arthur.

Toda a noite não pôde dormir: revolveo-se na cama como n'um leito de espinhos: elle era um augeiar de amor, do mais doudo amor.

N'um mar de devaneios debateo-se e lutou com febril anção, até que a luz da manhã introduzindo-se pela vidraça, de olhos arregalados topou-o embrulhado no lençol.

Tudo por um sorriso de Lulucha, diabrete cuja cintura folgava livre apertada por minhas mãos; cujo rostinho como uma pitoca branca petulante dava ganas de comer-se.

A suprema graça personificou-se em um momento de inspiração; e Deus illuminou com um raio de belleza a fronte de Lulucha. Depois veio Satan e lhe beijou os labios, sobre elle esfolou-se a bregerice como uma sentinella da seducção e expandio-se o divino e o diabolico na formosa creança, anjo, demónio que a tentação sonhou.

Como suster Arthur os assomos de sua natureza ardente, se-  
quiosa de amor e goso, no momento em que as suas adormecidas  
paixões acordão?



No seguinte dia, elle para agradar a menina envergou um fatô de galla. Era domingo, e não havia gado na charqueada; e cousa excepcional durante a safra: tirava-se bem apuradinha umas 2 horas de descanso.

O velho João Barcellos convidou Arthur para um mate, e o moço se bem que pouco apreciador, aceitou, só para entrar em casa do capataz.

Na sala de comida que accumulava as funcções tambem de receber as visitas, estava Lulucha com a cuia do mate e a chaleirã no fogareiro. Era ella a servente.

Arthur teve um alegrão d'esses de subir ao setimo céu.

Um singelo vestido branco que não occultava nenhum dos encantos de seu voluvel corpo, que deixava patente todas as suaves inflexões de seu porte gracioso lhe descahia com negligencia divina.

A menina com o mais cerrado rosto que pôde amarrotar, fez sua cortezia ao visitante que lhe estendeu a mão: Lulucha deixou-a no ar.

— Mão. Que singular! Ora festeja-me, ora me trata com tanto rancor!... Em que lhe desagradaria eu?

O mate que lhe offerecia não era acompanhado sequer de um uisnar: quando lhe entregava a cuia, olhava para alguma parte se não voltava para o lado o rosto, cousa de que entretido conversando sobre assumptos de serviço, não dava fé João Barcellos.

Sabendo a dar uma ordem no terreiro, deixou o capataz os dois sembos.

Arthur aproveitou o ensejo de perguntar à menina o motivo

de seu desagrado, a razão de tratá-lo com tão máo modo: « por acaso lh'eu offenderia?... »

— O senhor?!... fez ella com espanto; não me podia offender.

— Mas então...

— Com sua licença, já volto. E dando-lhe as costas ganhou o quarto.

Quando de volta o velho fronteava a porta, ella surgio na sala.

Ainda matearão mais meia hora durante a qual Arthur todo macambusio não ousou palavra proferir mais.

As horas de emburrar chegadas, forão-se os dois para o varal assistir a emburração.

Lulucha fitando os céos pôz-se da janella a gargantear uma modinha; e por muito tempo sua voz como uma harmonia angelica soou nos ouvidos de Arthur.

— E creião em sorrisos de mulher!...

— E' preciso despir-me de todo o escrupulo e tomar audacia e muita audacia. Só assim alguma cousa conseguirei d'esta extravagante creatura.

D'ahi a dois dias fazia do dito feito.

A boquinha da noite estava Lulucha na janellinha pensativa, mas as déveras pensativa.

Cosendo-se com a parede Arthur foi indo até agarral-a de sorpresa; dar-lhe um beijo foi n'um improviso. De subito desperta uma bofetada, foi a decisiva e prompta resposta de Lulucha.

Um estalosinho e um hui, bem chorado ouviu-se, e após silencio...

Cara a cara os dois ficarão; ella afogueada de raiva, com os olhos chammejantes e crispados os labios, elle atrevido.

— Não suppunha em um ente tão formoso, tanta maldade.

— Ora, senhor Arthur, diga-me: o senhor está perdendo a vergonha?

— Por felicidade nunca a tive, minha senhora.

— Nunca?! e a menina fez um gesto de admiração.

— Bem, estou vendo agora, que nunca...

— Agora?! oh! ainda não!...

A menina rio-se, d'um riso inexprimivel.

Arthur aproveitando-se do ensejo apoderou-se da sua mão esquerda e prendeo-a.

— Ai! largue-me...

— Eu? Quem depois de ter agarrado uma joiasinha tal, a largará? Eu não!

A menina debateo-se em vão por soltar-se. Desfransio o rosto e ameigou a voz.



Arthur beijava com soffreguidão a mãosinha alva.

— Me largue, implorava com doçura.

— Em que estava você pensando quando eu cheguei? Tão só-sinha que a encontrei e tão de noite!...

— Não quero conversa, solte-me...

— Não posso...

— Ora, você pôde. Olhe que está me pisando!...

— Você promete?...

— O que?

— Me dar uma entrevista logo, quando o seu pai estiver dormindo?..

— Eu! Está doudo. Ainda não perdi o juizo.

— Mas as vezes é tão bom...

— Não posso.

— Porque?

— E meu pai?

— Está dormindo. Você me abre a janella e eu entro para conversarmos juntos.

— Ora, não quero; me solte...

— Promette?

— Não posso. Me largue.

— Promette? Não custa nada: as 11 horas o velho está dormindo e você me abre a janella.

— Lulucha! gritou o capataz na sala.

— Me solte; o papai está me chamando.

— Promette?

— Não.

— Então não lhe largo. Promette?

— Sim, sim! me solte.

— Lulucha!

— Já vou, papai. E sahio a menina correndo para a sala.

A's horas marcadas de balde Arthur esperou que a janellinha abrisse para dar-lhe entrada: vinhão apontando as barras do dia e elle ainda se conservava no seu ponto de espera.

Furioso recolheu-se, e não pregou olho; todo o dia esteve de mau humor, mal tolerando o serviço e inteiramente entregue aos seus planos.

A tarde vio Lulucha. A travessa criança com o mais zombeteiro rosto desde que se despeitara com elle pela primeira vez o saudou.

Ao gesto de vindicta que lhe atirou, ella sacudio os hombros, e tremeo-lhe a loura cabelleira; bailarão-lhe como ebrios os olhos castanhos no leito côr de leite, e desabrochou com um sonoro estalido nos labios apinhados, o moxoxo petulante.

No rosto encantador se refractou e expandio-se após uma nuvem de sublime chiste.



As sombras da noite começavam a levantar-se como bandos negros de aves em busca do calmoso ninho, e os crepusculos da tarde pairavam no ar.

Junto á cerca de maricá, com o ouvido attento e olhar perfurando as sombras, espreitava Arthur a casa do capataz. De repente chamou-lhe a attenção um leve bulicio de passos no quintal: espiou — era Lulucha. A menina caminhou até junto á cerca que serve de limite entre as duas charquedas, e um ruido como de um cochicho chegou a orelha attenta do caixeiro.

Arthur, immovel, estava sem pinga de sangue. O que queria significar aquillo, o que poderia ser! Corresponderia-se Lulucha com alguém? Oh! que andava mouro na costa!...

Durou minutos o cochicho; depois sentio se o andar ligeiro da menina e o ruido dos vestidos nas franças do capim.

Arthur despertou se e mexeu-se; ao frontear ella com elle, salvou d'um salto o maricá e prendeu-a nos braços.

A menina soltou um grito de susto e debateu-se sem se poder desenvencilhar; inuteis erão os esforços. A sua respiração fogaosa queimava as faces de Arthur, roçando muitas vezes na luta o rosto formosissimo nos labios do rapaz.

— E' escusado, não se desprende. Onde foi você? Com quem esteve fallando agorinha lá no fundo? Heim? Com quem foi?

— Seu Arthur, me largue... Olhe que ahi vem meu pai.

— Com quem conversava você.

— Com ninguem, não seja gira; me solte.

— Está bem servida; não me embaça não. Não lhe largo enquanto não prometter...

— O que?

— Que hoje não ha de fazer como da outra vez que me deixou até de madrugada á espera, e nada!...

— Assim se curão tolos, disse com singeleza.

— Eu sou tolo!... Já lhe digo quem é experto. Esta noite hei de ir ao seu quarto... senão, você está em meu poder e sei o que devo fazer.

— Me largue então.

— Mas você me ha de esperar e as 11 horas abre a janella para eu entrar.

— Ah! isso não!

— Oh! isso sim! Você é quem me ha de abrir, senão...

E disse uma palavra no ouvido de Lulucha.

— A menina ameigou-se e ostentou menos resistencia.

— Não vá contar asneiras a meu pai. Isso é invenção sua.

— Sim, invenção?!... Ora, não me falte com o promettido. Cuidado!

Estava a clarear o dia e o moço ainda mettido lá dentro. Emfim as 4 horas da madrugada abriu-se a janellinha e por ella sahio Arthur de casa do capataz.



O moço vinha pallido. Encostado a um moirão do galpão se conservou até que meia hora depois saltou pela janellinha outro vulto que se perdeu nas sombras.

Era Carlos Gonçalves, tambem caixeiro, mas da charqucada visinha.

Lulucha não faltava ao promettido: ás 11 horas abriu a janellinha e deu entrada ao amoroso moço. O velho capataz estendido n'uma cama de vento ao lado da janella dormia a bom roncar.

Arthur saltou: estava no quarto de João Barcellos.

Lulucha com cautella fechou a janellinha com o cadado e guardou a chave: ficarão ás escuras.

O velho dormia a bom roncar estendido na cama.

Arthur perdeu de vista a menina.

— Lulucha? gritou baixinho.

— Vá dizendo o que me quer?

Pela direcção Arthur encontrou-a:

— Dar-te um beijo, meu bemzinho; e com um abraço enlaçou-a pela cintura.

Ella torceu o corpo e ligeira como uma veadinha escapulo-se-lhe. Estavão em frente a uma porta que fechou-se na cara do infeliz amante, e sonora retumbou pela casa a risadinha de Lulucha.

Um raio que lhe cahisse aos pés não o immobilisaria tanto como de sorpresa e raiva ficou elle estatelado ali ante o insolito procedimento da travessa creatura.

Como o leão na jaula, o caixeiro o quarto passou, furioso e averedando aos cantos atraz de uma brecha por onde sahir. Inutilmente forcejou para abrir a porta por onde Lulucha desaparecera; quiz forçar a janella e não pôde; só com grande barulho a moveria.

João Barcellos mexeu-se na cama, Arthur assentou-se n'um bahu e pôz se a meditar.

O que fazer? Acordar o velho? Peior. Metter hombros á janella e ir-se embora? E o estrondo que fazia?

Resolveu esperar, e pôz-se do ouvido a escuta.

De repente ouviu sumido e quasi inaudível cochicho no visinho quarto e depois doce e harmoniosa escala infinda de suspiros...

De pulga na orelha, Arthur, esperou immovel; e enquanto elle comprimia a anciada respiração, o velho capataz no melhor do somno roncava a bom dormir.

E assim se passarão horas.

Quando no auge do desespero, o infeliz amante estava se resolvendo a fazer uma estralada, abriu-se a discreta portinha e Lulucha appareceu. Arthur a ella se arremessou fulvo de raiva, mas ante a boca d'um revolver recuou dez passos e encostou-se na parede: a menina parecia disposta a se fazer respeitar.

Sem opposição ella abriu a janella e apontou a rua á Arthur. Elle cabisbaixo galgou d'um salto o terreiro.

A janellinha se fechou.

E o velho capataz continuava a roncar no melhor do somno ao tom de uma escala harmoniosa de suspiros e gemidos.

\* \*  
\*

Quando á luz brilhante d'um sol de Dezembro Lulucha em Arthur fitou o olhar, impiedosa lhe esbarrachou nas ventas uma gargalhada assassina, que sonora echoou, fresca e argentina, como o salto d'uma cascata de jardim; e no rosto petulante se reflectou com um donaire diabolico, uma onda de travessura em que os olhos negros e vividos da menina fuzilavão.

Ao sopro da viração desabou e sobre os hombros se espraçou a opulenta cabelleira d'ouro de Lulucha...

De Lulucha, anjo-demonio, que a tentação sonhou; feiticeira, creatura pequenina e loura.

VICTOR VALPIRIO.

RECITATIVO A DUO

ELLE

Mulher, já basta ; teu desdem me mata,  
Quebra, desata — desse encanto a luz,  
Se tens uns olhos a brilhar com fogo,  
Se tens um fogo — que fatal seduz.

ELLA

Eu já vos disse que sois homem — basta,  
Que uma aura casta bafejais mentida,  
Eu não vos creio ; vós amor não tendes,  
Porém se o tendes — não vos prende à vida.

ELLE

Que mais te posso divinal feitura,  
Que esta alma pura — derramar te aos pés ;  
Anjo, ou demonio, tentação maldicta,  
Mulher bemdita, dize tu o que és ?

ELLA

Mulher, eu tenho virginal meu seio  
Nos homens leio — da traição o inferno,  
Não quero amal-os ; têm veneno n'alma,  
Mostrando calma — n'um sorriso eterno.

ELLE

Porque me negas teu amor, se acaso  
Vês que me abraso, — e teu amor desvias ?  
Porque zombando de um soffrer infindo  
Respondes rindo — com palavras frias ?

ELLA

Não sei : os homens tem fallaz carinhò  
Gesto mansinho — que fatal seduz ;  
Não creio n'elles, que a mulher cobição  
E a enfeitição — com dourada luz.

ELLE E ELLA

Amor é vida que no labio entornã  
De uma aurora morna — sedactora unção,  
Sorrisos, beijos dão relevo aos sonhos  
Brandos, risonhos, — que passando vão.

ELLE

Eia, gosemos : um ao outro unidos...

ELLA

Rosto fingido — teu sorriso engana...

ELLE

Tens sobre os olhos uma luz que esmaga...

ELLA

E' falsa a vaga, — que dos teus emanas...

ELLE E ELLA

Pois que na vida de fingir cançados  
De braços dados — para a tumba iremos,

Hoje esse laço, que nos prende à morte  
Não nos importe ; — de prazer cantemos !

PEDRO ANTONIO DE MIRANDA.

## GABILA

### CANTO I

#### A LIBERDADE

#### VI

O céu se enfafruscou e negros mantos  
Ao ar cõlmarão ;  
Calma de morte, horrores mil presagos,  
Augúrios tantos  
Sobre a face da terra se estamparão !  
Gemidos vagos,  
Abafados, por vezes das montanhas  
Soltava o mundo,  
Como estertor que foge das chitranhas  
De abysmo fundo !  
Na savana a mudez — a mais completa !  
Crê-se que dorme !  
Nem um búlir da rama sempre inquieta  
Que agora forme  
Na funeraria scena um só contraste !  
Nem mesmo o grito  
Do volatil que pavido se affaste !  
Em tudo escripto  
Um vaticinio escuro, em tudo a morte !  
Avulta o porte  
Uma nuvem de trevas no horisonte,  
E pouco e pouco  
Faz ouvir sobre a varzea e sobre o monte  
Som cavo e rouco.  
Vai o bulcão crescendo! e mil scentelhas  
No quadro horrendo  
Como assanhadas viboras vermelhas  
Vai desprendendo ! . . .

De subito : — um terrivel estampido  
Jorros de chãmmas,  
No espaço fero pandemonio erguido !  
Virentes ramas,  
Arvores seculares, grossos troncos,  
Rochedos broncos,  
Choupanas, animaes, tudo d'envolta  
Rolando em terra !  
O pampeiro passava ! E na aza solta  
Que a morte encerra,  
Faz do orbe uma orgia desenvolta !

VII

Como alado centauro, os dois amigos,  
O crioulo e o corseel assoberbavão  
O fero temporal !  
Dois abysmos ali : — o céu e a terra !  
E Malungo voando sobre as ondas  
Do immenso capinzal !

As clinas soltas aos tufões sem freio,  
La vai, como a flecha despedida  
Dos arcos guaraxis !  
La vai ! E sem temer da morte a sanha  
Vinga barreiras mil aos doidos fachos  
De sinistros fuzis !

Liberdade, tu que és a gemma fina  
Eterna fulgurando bella e pura  
Na c'rôa do Senhor ;  
P'ra o homem és a estrellá que mais brilha,  
Sublime aspiração, divinos sonhos  
De immaculado amor.

Tu que alentas os povos abatidos  
Ao pezo do infortunio, tu que os ergues  
Aos raios de teu sol ;  
Tu fazes que Gabila e o companheiro  
Procurem, vencedores da tormenta,  
O teu grato arrebol !

Como alado alado centauro, os dois amigos,  
O crioulo e o corseel assoberbavão  
O fero temporal !  
Dois abysmos ali : — o céu e a terra !  
E Malungo voando sobre as ondas  
Do immenso capinzal !



## NA FLORESTA

Êis-me sosinho em meio da floresta.  
Uma brisa suave agita as folhas  
Das arvores silvestres, que se entrançam,  
Abraço-se nos ares como amigas.  
Ouve-se ao longe o canto merencorio  
Das meigas pombas juritys que gemem.  
Vozes confusas, insçientes, paixão...  
Pação nas azas dos favonios brandos.  
Serão suspiros de existencia enferma?  
Serão gemidos d'algum ser errante?  
As folhas seccas que no chão se alastrão  
Agitão-se rangendo. As aves mesmas  
Presas de susto, levantando o vôo,  
Vão temerosas se embrenhar ao longe.  
Um silencio de morte agora incute  
Não sei que vãos temores que horrorisão.  
Êstes cedros gigantes, que parecem,  
Quaes Encelados, escalar as nùvens,  
Ensombirão-me o semblante de tristeza,  
Tristeza indefinivel.

Mas n'esta solidão, sem ter um ceo  
Das festas mundanaes, apraz-me a vida.  
Se o peito se entumece de saudade,  
Funda saudade dos passados tempos;  
Se busco em sonhos remontar-me ainda  
A' vida descuidosa d'outras eras,  
Aqui na solidão repouso a fronte  
Sob a ramagem da figueira annosa,  
Verde, copada, no silencio envolta.  
Não ha quem ouse perturbar-me o somno.  
As aguas do regato paixão mudas...  
Só muito ao longe meigas pombas gemem.

Aqui, minh'alma, despirás as sombras,  
Que te rodeão; destendendo as azas,  
Transporás os abysmos do infinito  
Bella, fulgente das eternas luzes!  
Banhando-te no brilho das estrellas,  
Irás um día repousar tranquilla  
No seio indecifrável de mysterios  
Do Creador dos mundos!

## CHRONICA

*Sarvio.* — No dia 30 teve lugar o 16° saráo litterario do Parthenon.

Occupou a tribuna das prelecções o distincto consocio Sr. Dr. Bello, que brilhantemente discorreo sobre — *A instrucção e o seculo.*

O auditorio, preso á palavra fluente e concisa do intelligente orador, parecia absorto como que ouvindo uma d'essas harmonias que nos arrouba a alma á regiões ignotas.

E' que o orador fallava-nos ao coração, e as suas frases tão cheias de verdade, tão arrebatadoras nos electrísavão n'aquella torrenciosa eloquencia, semelhante á caudalosa cascata que ao saltar sobre os rochedos espalha cambiantes luzes no chrystallino de suas gotas.

Aquelles que como nós aprecião as intelligencias que se afañão na officina do trabalho, terão sempre a expressão animadora para quem, como o Dr. Bello, enceta tão brilhante carreira, e de quem muito se póde esperar.

Os applausos que S. S. obteve n'essa noite, deve guardar em seu coração como prova sincera de apreço ao seu talento e illustração, e como uma laurea inmarcessivel que só póde conquistar o verdadeiro merito.

Nós, com toda a effusão d'alma, saudamos o distincto consocio, almejando-lhe sempre virentes palmas na luta das idéas.

Além da prelecção concorrerão para abrilhantar o saráo as Exm.ª Sr.ª DD. Maria Luiza Gomes, Maria José Menezes e Patricia Lima, que por mais de uma vez nos derão o prazer de ouvir suas vozes argentinas em lindissimas cavatinas.

A Exma. Sra. D. Maria Emilia Figueiredo e o Sr.

certum executarão brilhantemente, ao piano forte, uma bella composição.

A Exma. Sra. D. Felisberta Lima recitou uma mimosa poesia do inditoso poeta Castro Alves, o Sr. Damasceno Vieira leu uma poesia de sua lavra e o Sr. Reis poz remate ao festim tocando uma linda peça ao piano.

Seria conveniente que as commissões dos sarãos buscassem todos os meios ao seu alcance para haver silencio no salão no momento em que alguma pessoa estiver occupando a attenção do auditorio; pois além de ser improprio o rumor n'essa occasião, privão aquelles que só vão ali apreciar a parte litteraria e lyrica do sarão de satisfazer esse desejo.

*Sociedades litterarias.* — Installou-se na cidade do Rio Grande uma sociedade litteraria com o titulo — *Litteraria Rio-Grandense* e outra na capital do Paraná sob o nome de *Club Litterario Coritybano*. ambas se dedicão ao cultivo das lettras.

E' sempre com satisfação que applaudimos essas novas instituições, porque cremos que ellas são um bem para o paiz.

E é sem duvida digna de apreço a mocidade que, em vez de desperdiçar o tempo em diversões futeis, busca illustrar o espirito e cooperar para que mais se propague a instrucção popular entre nós.

Quem no estreito ambito de seu gabinete, no momento em que repousa dos labores quotidianos, afana-se no desenvolvimento de seu espirito; quem trabalha em prol da causa da instrucção de seus conterraneos, é sempre digno de homenagem.

O Parthenon, pois, sauda as suas novas co-irmãs e deseja-lhes um prospero futuro na sua sacrosanta missão.

*Offerta.* — A cidade de Itú recebeu uma importante offerta do proprietario e redactor do jornal «Novo Mundo» o patriotico Sr. J. C. Rodrigues.

Este distincto publicista dotou aquella cidade com o material necessario para uma bibliotheca popular e para uma aula nas melhores condições, sendo ambas utilizadas sem a minima contribuição dos concorrentes; offerecendo cem exemplares de seu jornal para a manutenção de um professor, que accumule o cargo de bibliothecario.

Não temos palavras com que possamos louvar ao Sr. Rodrigues pela sua importantissima offerta

Oxalá que aquelles a quem a sorte tem favorecido buscassem imitar tão grandioso exemplo.

E' tempo da iniciativa particular erguer-se e trazer cada um a sua pedra para o grande edificio do futuro.

E' tempo de arrancar tantos cidadãos das garras do obscuran-

tismo e contribuir para que um dia se tornem uteis ao seu paiz. e preparar a nova geração para que mais tarde o homem livre venha substituir a maquinha bruta de agora..

E sem a luz da instrucção nada se adquire.

Sem ella o espirito tateia automaticamente sem acção, e sem prestigio algum, e o homem torna-se maquina ignorante, movida apenas no circuito material.

Quando todos se convencerem d'esta verdade e trabalharem em prol da instrucção popular, então, como já dissemos, o Brazil terá um lugar eminente na vanguarda das nações.

*Aulas nocturnas.* — E' justo que agora fallemos sobre as aulas nocturnas d'esta cidade.

O Parthenon, buscando por todos os meios, corresponder aos fins a que se propoz, installou, em Setembro do anno anterior, uma aula nocturna de primeiras lettras.

A aula começou a funcionar com quinze alumnos e hoje esse numero subio a trinta e dous, sendo a sua frequencia a mais satisfaria.

Consta que a aula nocturna regida gratuitamente pelo prestimoso cidadão José Gonçalves de Albupuerque Junior e subvencionada pelo não menos prestimoso cidadão José Martins de Lima, tem correspondido mui condignamente á espectativa publica; tornando-se dignos de encomios os dois senhores de que fallamos pelo seu patriotismo e dedicação a tão santa causa.

Esta aula funciona trez vezes por semana, sendo a frequencia de vinte a vinte e cinco alumnos.

Cunpre que o publico não seja indifferente a estas instituições, e que tenha sempre em lembrança: — Se o indigente maltrapilho que implora de porta em porta os sobejos das lautas mesas dos mimosos da fortuna, e que na charneca escura tiritando de frio e fome é digno de compaixão, não menos digno d'ella é o ignorante que vive na obscuridade sem luz e sem pão para o espirito.

*Theatro.* — Estamos outra vez sem companhia dramatica; e que se achava aqui pouco favorecida, não podia supportar o grande dispendio a que estava sujeita; assim vio-se obrigada a abandonar a capital.

Pobre theatro!... parece que a maldição de Deus te persegue... não ha quem te alente, quem se interesse por ti, caminhas outra vez para a insupportavel modorra.

E é de lamentar que assim seja; o theatro, a escola do povo tem jus a melhor sorte, é digno de outro cuidado; mas o que fazer? hoje é o trapesio, é a senhorita no seu amestrado corsel, e o touro na arena, que fazem as delicias da população; deixal-os, são

intermittencias passageiras: um dia virá que o theatro os ha de supplantar.

Quando o indifferentismo desaparecer e olharmos com mais attenção para o nosso futuro, então a arte dramatica recobrará seus foros hoje tão abatidos.

*These.* — Na proxima sessão do Parthenon discutir-se-ha a these: *A religião tem cooperado para o desenvolvimento do espirito humano?* — cujo parecer está confiado ao intelligente socio Vasco de Araujo e Silva.

Creemos que a discussão será animada e que tomará parte n'ella aquelles socios que se dedicão com afan ao estudo.

*Carta.* — Apresentamos aos leitores a interessante carta que dirigio a um de nossos consocios o illustrado litterato J. de Alencar, já por ser ella lisongeira á «Revista do Parthenon», e por tratar do nosso sympathico e intelligente *Iriêma*, tão conhecido entre nós pelas suas brilhantes producções litterarias. Eil-a:

Illm. Sr. — Recebi os quatro volumes da collecção da interessante «Revista do Parthenon», que V. S. me fez o favor de re-metter.

« Antes de tudo cumpre-me agradecer tão precioso mimo, e pedia a V. S. de servir de interprete ao meu reconhecimento para com os collaboradores da «Revista» que fizerão o favor de occupar-se de meus escriptos; e especialmente para com o distincto e illustrado *Iriêma*.

« Ignorava que ao tempo das embuscadas que me fazião uns moços. . . convertidos em instrumentos de um rabula. . . houvesse na heroica e generosa provincia do Rio Grande, um escriptor de grande merito e nobres sentimentos que espontaneamente tomou a si vingar os foros de nossa nacionalidade litteraria, ferida por paixões inconfessaveis.

« Foi sómente agora que percorrendo as paginas da «Revista do Parthenon» tive o prazer de ler as palavras animadoras de *Iriêma*, a quem já conhecia por um bello volume de poesias intitulado *Iromelias*, e a quem não me dirijo pessoalmente por ignorar seu nome.

« Por ultimo rogo a V. S. sirva-se incumbir n'esta côrte a alguem de recerber alguns volumes de obras minhas que destino a bibliotheca do Parthenon.

« Com estima e consideração. De V. S. etc. etc. — *José de Alencar.* — Côrte 12 de Janeiro de 1875. »

Ao distincto Appollinario Porto Alegre os nossos emboras pelo

merecido conceito que de S. S. faz a mais legitima gloria litteraria brasileira.

*Retrato.* — A «Revista» apresenta hoje o retrato do illustre litterato Dr. Magalhães; em breve sahirá a biographia do mesmo, que consta nos achar-se ao cuidado do nosso consocio José Bernardino dos Santos; por essa razão é de esperar que breve tere-mos um trabalho digno de apreço, e que assim o illustre poeta conquiste mais uma palma para a sua florente corôa de glorias.

A. TOTA.



## AGENTES DA REVISTA

Rio Grande { Carlos Eugenio Fontana.  
                  { Olegario José da Fonseca Torres.  
Pelôtas — Joaquim de Figueiredo Pereira.  
Trinimpho — João Leite Pereira da Cunha.  
Rio Pardo — Manoel Ribeiro de Andrade e Silva.  
Cachoeira — Francisco Gomes Porto.  
Enezuzilhada — José Ferreira da Silva Porto.  
Santa Maria — Franklin Flores Ribeiro de Carvalho.  
Passo Fundo — Antonio Pereira Prestes Guimarães.  
S. Borja — Albino Pereira Pinto.  
S. Leopoldo — Felix Fernandes da Fonseca Azambuja.  
S. Jeronymo — Antonio Joaquim da Costa Corrêa Junior.  
Santo Antonio — Manoel José Maria dos Santos.  
Alegrete — João Pedro Caminha.  
S. Gabriel — Francisco de Paula Menna Barreto.  
Itaquy — Luiz Mathias Teixeira.  
Taquary — Luiz Candido Velloso.  
Caçapava — Pedro Rodrigues Soares.  
S. Sepé — Isidro Corrêa Pinto.  
S. João do Monte Negro — José Maria das Neves.  
S. João Baptista de Camaquã — Patricio Vieira Rodrigues.  
Jaguarão — Luiz da Cunha Gardel.  
Cruz Alta — Francisco Cardoso de Carvalho.  
Uruguayana — Firmo Soares Leans.  
Torres — Major José Theodoro Nunes de Oliveira.  
Rio de Janeiro — Eduardo Palassin Guinle.  
Corumbã — Pedro Antonio da Silva Horta Filho.

Esta REVISTA sahirá uma vez por mez. contendo 18 paginas e uma gravura

## ASSIGNATURA

PARA A CAPITAL

FORA DA CAPITAL

Trimestre adjantado.....3\$600 | Semestre a diantado.....6\$000

## BROMELIAS

Poesias por Iriema. A' venda na « Imprensa Litteraria ».